

Tradicional *vs.* Virtual – Questão Irreal?

ISABEL PEREIRA LEITE | ISABEL ORTIGÃO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA MIRANDA | JOÃO LEITE

RESUMO Biblioteca virtual, biblioteca digital, biblioteca electrónica, são designações comuns que continuam, actualmente, a suscitar discussão. O que se pretende é desmistificar a questão, acentuando a complementaridade que existe entre a biblioteca tradicional e a biblioteca digital, já que ambas são duas faces de uma mesma realidade. Ambas são bem reais, têm objectivos bem claros e definidos e utilizam estratégias que visam atingir um alvo comum. Neste contexto, pretende-se, também, alertar os profissionais da informação para a mudança, mas de uma forma saudável e descomplexada.

ABSTRACT Virtual library, digital library, electronic library are concepts still under discussion. We would like to demystify this question and try to point out the importance of traditional and digital libraries both being relevant sides of the same reality. The two are real, have clear and defined objectives and use strategies that aim a common target. In this context, we also intend to alert information professionals to pay attention to changes and face them without complexes or fears.

Há questões reais e questões virtuais

A questão que aqui se nos põe é, pelo menos na nossa opinião, uma questão real – a de nos decidirmos pela existência ou inexistência de bibliotecas virtuais.

Virtual é o que poderia ser, sem, todavia, lá chegar; é como um «faz de conta que é», sem ser precisamente isso; é a quase promessa, o que poderia muito bem ser efectivo, mas vai permanecendo no domínio do inconcreto.

Será esta a designação que mais se aplica às bibliotecas que todos nós conhecemos e dentro das quais trabalhamos, construtores e utilizadores que sempre somos; será esta, pois, a palavra certa, o termo apropriado? Virtual? Biblioteca Virtual?

Ora vejamos:

O que é, afinal, uma biblioteca virtual?

Uma biblioteca que não é real? Que pode ser acedida como se efectivamente ali estivesse, sem, de facto, estar? Que existe realmente, mas não ali, por ali não ter existência física, palpável, mensurável? Que não se configura objectivamente em unidades cujas características e conteúdos estão ao alcance de qualquer utilizador que por entre elas circule? Que se consubstancia em documentos incolores, inodoros e insípidos como água transparente, sem cheiro nem sabor?! – é que mesmo a água mata a sede, tem existência real e concreta – nada tem de virtual.

Então que virtualidades são essas, já que as características de uma biblioteca virtual se têm por virtualidades?

Existirão à medida de cada utilizador, passando de potenciais a reais apenas quando alguém activa um qualquer comando que lhes dá vida e as faz passar de uma condição a outra? E, quando isso acontece, é, porventura, de um facto real que falamos ou da ilusão de realidade proporcionada por uma biblioteca virtual?

Não se passará o mesmo na biblioteca tradicional? Será que a fronteira entre o real e o virtual se pode estabelecer sem qualquer dúvida, ou será que neste início de século essa fronteira não é senão uma linha traçada numa época (não longínqua, contudo) em que havia que distinguir novas realidades emergentes, mas que perdeu, entretanto, a sua razão de ser, se é que alguma vez a teve?

A biblioteca virtual é o quê, verdadeiramente? Nós diríamos que é a realidade pura e simples! A realidade que o avanço tecnológico proporcionou; o produto das novas tecnologias aplicadas à produção bibliográfica, ao acesso e à difusão da informação.

Foi um mundo novo que se nos abriu e nos fez repensar conceitos, desenvolver ideias anteriormente no domínio da imaginação, virtualmente possíveis, mas inconcretizáveis até então.

Mas quando esse mundo passou a estar ao seu alcance, o utilizador começou a encará-lo como uma realidade do seu quotidiano, quotidiano de potencialidades, não de virtualidades, mais e mais aproveitadas, sem que façamos, de facto, hoje, ideia dos limites.

O mundo a seus pés, qual *Citizen Kane*, tem o utilizador neste princípio de milénio – pode ter atravessado décadas de trenó a uma velocidade facilmente controlável, mas no *Rosebud* de hoje qualquer um se instala e vai por aí, numa viagem interminável.

Se à nossa volta a cidade nunca dorme, é porque nós não deixamos, é porque não permitimos que descanse; ela tem que estar alerta: a qualquer momento acordamos e vamos querer uma satisfação imediata para as nossas mais simples ou elaboradas necessidades exis-

tenciais. Queremos a solução, a resposta pronta, porque não podemos esperar.

E é precisamente porque não podemos esperar (ou será que já não sabemos...?!) que perdemos bons velhos hábitos de raciocínio, de exercício mental, de explanação de dúvidas metódicas, enfim, que nos afastamos da prática filosófica, a qual, em boa verdade, deveria continuar a conduzir a busca do saber, onde quer que se encontre e onde quer que estejamos.

Todavia, a facilidade com que o imediatismo da resposta nos surge é, numa grande parte das vezes, falaciosa – a boa informação, a informação pertinente, a informação fidedigna, exige uma pesquisa criteriosa, estruturada, bem gizada, logo a definição de uma filosofia de base que oriente o raciocínio e nos conduza pela melhor via.

É que o risco de nos afogarmos no imenso oceano da informação é exactamente semelhante ao de vivermos e avançarmos na ignorância do que é, afinal, importante.

Por isso há que navegar em embarcações seguras e, acostando, há que saber separar o trigo do joio. Tarefa complicada, aliás, e cada vez mais difícil já que constantemente se multiplicam os meios, os recursos, as disponibilidades, as ofertas.

A ignorância pretenciosa é uma realidade do nosso quotidiano. Todos vivemos, no mundo ocidental, razoavelmente, nalguns casos desmedidamente informados, consumindo «informação» quase sem pensar que se trata de qualquer coisa vital, é certo, mas de qualidade duvidosa com muita frequência.

Por que razão, então, presumimos saber tanto acerca de tanta coisa? Porque àquilo que se obtém demasiado facilmente, deixamos, sem que nos apercebamos disso, de atribuir real valor.

Tudo é, pois, virtualmente importante, potencialmente aproveitável; a nossa atenção dispersa-se e perde-se entre virtualidades e pontencialidades se não for guiada por mão sabedora. Quanto mais específico for o âmbito em que nos quisermos situar, mais especializada terá que ser a ajuda, ajuda que virá, deseja-se, precisa-se, dos profissionais da informação.

Mas profissionais competentes, preparados, capacitados, conhecedores da luz e das sombras do mundo em que vivemos; profissionais que, perante a tentação do facilitismo não se deixem deslumbrar pela famigerada globalização da informação porque, apesar de tudo, o mundo não é, não pode, nem deve ser uma aldeia.

A difusão da informação, a comunicação, portanto, deve permitir que deixe de haver aldeias totalmente isoladas, deve contribuir para que os recursos sejam cada vez mais partilhados, mas será sempre

utópico considerar que os avanços tecnológicos podem quebrar todas as barreiras.

No que diz respeito, para além disto, à nossa área directa de intervenção – a da produção e difusão da informação – o que criámos não foram bibliotecas virtuais, mas bibliotecas reais, acessíveis como quaisquer outras, de conteúdos tão diversos quanto ilimitada é a imaginação humana, de documentos fisicamente identificáveis, já que existem normas internacionais que nos permitem fazê-lo, de recursos de incomensurável e inestimável valor, insubstituíveis, também eles, pelo menos à luz dos conhecimentos actuais.

Reais, pois, se encarados no seu contexto próprio, tanto quanto reais são os documentos que todos os dias, felizmente, nos passam pelas mãos, nos encham os olhos e o espírito, nos acumulam, quantas vezes, de prazer e deleite – aqueles a que chamamos livros e que, acreditamos, por verdadeiramente imprescindíveis, nunca venham a desaparecer.

Avançando mais, e tendo presente a dicotomia sobre a qual construímos o título deste trabalho, o que em boa verdade até pode indiciar uma discussão terminológica, reflectamos despretenciosamente sobre o estado actual das bibliotecas.

«Virtual», «electrónica» ou «digital» são adjectivos usados pela necessidade de representar novas realidades ligadas aos novos suportes da escrita (e também da imagem e do som) e aos novos meios de transmissão. Embora usados, por vezes indiscriminadamente, servem, no entanto, para caracterizar uma mesma e imutável realidade na sua essência – a biblioteca.

Consideremos a definição adoptada como base de trabalho pela Digital Library Federation:

Digital libraries are organizations that provide the resources, including the specialized staff, to select, structure, offer intellectual access to, interpret, distribute, preserve the integrity of, and ensure the persistence over time of collections of digital works so that they are readily and economically available for use by a defined community or set of communities.

Donald J. Waters – «What are digital libraries?» *CLIR Issues*, 4 (July/August 1998)

Desde logo podemos constatar que se retirarmos a palavra «digital», temos aqui uma definição válida para qualquer biblioteca, o que reforça a nossa ideia de que, de facto, ela se mantém essencialmente inalterada.

Isto significa que, independentemente do suporte em que se inscreve a informação e das vias que se abrem para a sua difusão, as bibliotecas mantêm

- *o seu objectivo principal*: permitir o acesso à informação,
- *as suas funções*: seleccionar, estruturar e preservar colecções de documentos

e, sobretudo,

- *mantêm a sua base humana*: pessoal especializado cujo trabalho visa a satisfação de necessidades de utilizadores, todos entidades bem reais.

Se esta constatação não passasse de mera virtualidade, o que poderíamos nós fazer com as 23 473 405 ocorrências do termo *Libraries* de uma pesquisa efectuada com o Alta Vista na maior biblioteca virtual universal?

Naturalmente, chamar o «cibertecário», se é que ele dá pelo nome, já que até há bem pouco tempo respondia por outro, se calhar mais prosaico: bibliotecário!

Que não se infira do que acabamos de expôr que entendemos que nada mudou. Não só não é verdade, como, considerando-o, incorreríamos num grandioso e absurdo suicídio profissional.

No entanto, num ambiente de alguma histeria, verbalizada em profecias de próximas e promissoras bibliotecas sem papel e sem paredes, parece-nos importante não perder de vista as bibliotecas que nos estão mais próximas, as de hoje, ainda que em contextos tecnológicos em permanente e rápida mutação.

E o que temos, actualmente, são bibliotecas híbridas:

– Documentos em suportes variados, que determinam

- Diferentes tipos de leitura (presencial manual, presencial electrónica ou digital, ausente manual, ausente digital)

associados a

- Diferentes possibilidades de difusão e de acesso concretizando uma relação diferente entre a leitura e a biblioteca, marcada cada vez mais pela dicotomia presença/ausência.

Mas esta dicotomia deve ser avaliada nas possibilidades que oferece e não cristalizar-se em pura constatação:

- a *presença* deve associar-se à função social da biblioteca – a de preservar e a de promover – fazendo dela se não o local obri-

gatório de leitura (que já não é em muitos casos), o local de encontro, de realização de eventos, de comunicação entre pessoas;

- a *ausência* deve associar-se às possibilidades que abre de levar a informação, e com ela o conhecimento, a todos e a todos os locais.

Numa sociedade em que tanto se fala de inclusão, a biblioteca, entidade para a qual este conceito não é novidade, pode e deve desempenhar um papel preponderante, fornecendo espaços (físicos ou virtuais) verdadeiramente acessíveis a todos, disponibilizando documentos legíveis por todos.

Assim, em vez de nos deleitarmos com «crónicas de mortes anunciadas» (o funeral do papel, por exemplo, parece ainda não ser para breve!) devemos antes trabalhar no sentido de otimizar os recursos de que dispomos.

Se o fizermos não será nunca porque virtualmente sonhamos acordados, mas porque preferimos comprometer-nos com um mundo que, por vezes, parece querer ultrapassar-nos – uma coisa é certa, porém: é o homem que domina a máquina, com mais ou menos perícia, é verdade, mas é sempre o homem.

Senão vejamos:

- Quem criou o livro electrónico?
- Quem é que o abre quando muito bem entende?
- Quem é que retira dele o que mais lhe apraz e aproveita o que julga de interesse?
- Quem é que o formata a seu belo prazer?
- Quem é que o leva consigo para onde vai?

Se não encontramos nisto indícios de matéria virtual, logo admitimos estar perante factos concretos que se vão transformando em procedimentos que as próximas gerações encararão como rotinas banais.

Adquirir um documento numa biblioteca é um acto tão comum, como comum é, depois, tratar de o registar, catalogar, indexar, classificar, arrumar e disponibilizar.

E comprar, compramo-lo sem sair do lugar. Seleccionamo-lo, encomendamo-lo, pagamo-lo e ele vem-nos ter às mãos, passado algum tempo (de preferência, pouco – é mais agradável). Entramos na NET e pesquisamos catálogos em que não pegamos; seleccionamos o que entendemos com cruces, sublinhados, cores diferentes, enfim, procedemos como se os tivéssemos em cima da mesa. Encomendamos preenchendo formulários ou passando de questão em questão como se tivés-

semos um papel na frente, e pagamos sem mesmo ver o dinheiro a circular, esperando que chegue ao destino, caso contrário haverá problemas e o que mais queríamos não se materializará.

Virtual, no meio de tudo isto acaba por ser mesmo o dinheiro – a única coisa que não chegamos a ver, a não ser associada a um orçamento a descer, o que hoje se faz num vislumbre rápido pela respectiva função do programa de gestão de aquisições.

Haverá prova mais óbvia de concretização do «virtual»? Chegar-nos um documento às mão sem que tenhamos dado um passo (literalmente falando) nesse sentido?

E a obra chega e acaba por ser mais uma lombada na prateleira 8c do piso 2 e mais um título na biblioteca virtual.

É, também, por essa razão que perguntamos de que é feita a biblioteca virtual? Nasceu de geração espontânea ou da criatividade de quem produz o que a alimenta, do empenhamento de quem torna possível aceder-lhe e da sabedoria de quem aproveita a multiplicidade de recursos tecnológicos hoje existentes? Se esta é a resposta, e estamos em crer que será, então não poderemos deixar de concluir que a complementaridade é o que sustenta este mundo em que vivemos e que a realidade das bibliotecas do século XXI é perfeitamente multifacetada e plural.

Por isso mesmo continuará a contar com o livro; ouçamos o que advoga Walt Crawford, personalidade insuspeita nestas matérias:

Books continue to matter, now and for any plausible future. Not as the only means to transmit information, entertainment, and knowledge – that hasn't been true for more than a century. Not as the dominant force among media – that hasn't been true for decades. But as a vibrant, healthy medium – one that serves a variety of needs better than any alternative and that makes good economic, ecological, and technological sense for the new millennium – the book just isn't going away.

Walt Crawford – «Paper persists: why physical library collections still matter»,
Online. (January, 1998)

Biblioteca digital, biblioteca electrónica – com certeza. Designações novas para conceitos novos. Mas, deixemo-nos de virtualidades: elas são hoje a nossa realidade. Por força das circunstâncias que o tempo se encarregou de esculpir, adoptámos procedimentos e rotinas que nos permitiram passar de simples referências bibliográficas aos correspondentes textos integrais tudo em tempo real, como se dentro de uma biblioteca tradicional estivessemos.

Se entendemos, por um lado, que nada pode substituir a sensação inimitável de segurar um livro na mão, não devemos ter por menos certas as vantagens das novas tecnologias.

E já que tal dualidade nos advém com clareza, não será, então, de inferir que urge desmistificar e ir ao mais difícil? Ajudar a formar profissionais eticamente correctos não será, porventura, o grande desafio que nos é lançado no início do século XXI?

Tantas são as questões, tantas as equações!

Virtualmente incorrectas? Talvez estas nossas ideias o sejam, tal como o são, de resto, todas as ideias que vão sendo avançadas e discutidas pelos anos fora. Faz parte do discurso humano. O que ontem se nos afigurava como certo, pode hoje, perfeitamente, ter deixado de o ser. Apenas nos detivemos algum tempo para pensar um pouco – tudo isto corresponde, pois, a uma interrogação que foi crescendo e nos levou a congeminções que aqui partilhamos.

Respostas? Todas, naturalmente. E virtualmente correctas!

BIBLIOGRAFIA

BARKER, Philip

Electronic libraries of the future

<http://web.singnet.com.sg/~abanerji/content.html>

CRAWFORD, Walt

Future libraries: dreams, madness and reality. Chicago: American Library Association, 1995. ISBN 0-8389-0647-8

«Paper persists: why physical library collections still matter». *Online*, January, 1998
<http://www.onlineinc.com/onlinemag/OL1998/crawford1.html>

HARTER, Stephen P.

What is a digital library? Definitions, content and issues, 1996

<http://php.indiana.edu/~harter/korea-paper.htm>

Réalité et virtualité dans les sciences. Paris: Diderot, 1997. ISBN 2-84352-057-6

SAUNDERS, Laverna M., ed.

The virtual library: visions and realities. Westport: Meckler, 1993. ISBN 0-88736-860-3

WATERS, Donald J.

«What are digital libraries». *CLIR Issues*, 4, (Jul-Ago 1998)

<http://www.clir.org/pubs/issues/issues04.html#dlf>

ISABEL PEREIRA LEITE ileite@letras.up.pt

Biblioteca Geral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISABEL ORTIÇÃO DE OLIVEIRA iortig@letras.up.pt

Biblioteca Geral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

MARIA HELENA MIRANDA mmiranda@letras.up.pt

Biblioteca Geral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

JOÃO LEITE jleite@letras.up.pt

Biblioteca Geral da Faculdade de Letras da Universidade do Porto